2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 38. QUINTA FEIRA, 29 DE MAIO DE 1851. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

VIII

414 O distincto escriptor M. Blanqui, membro do Instituto de França, escreve de Londres algumas cartas, de que tomamos os seguintes extractos. Em 5 do corrente Maio dizia elle: — «A Exposição Universal prosegue na sua carreira de triumpho, hoje completo e decisivo. O effeito geral foi immenso, universal, incontestavel, e ainda que se sintam algumas ausencias neste grande concurso dos trabalhadores do mundo inteiro, nenhum personagem faltará, assim que tiver chegado a Russia, e a França concluir a ostentação de seus productos.

Convém para nossa instrucção não despresar coisa alguma essencial neste campo de estudo inexgotavel. Tudo é tão differente de nossos habitos, e tudo teve tão bom exito, que muito acharemos de que tomar lição, se por momentos dermos tregua ao nosso orgulho nacional. Para não fallarmos agora senão em o pensamento desta empreza, bastou ser enunciado para excitar o enthusiasmo de todos os homens eminentes deste paiz. Nada se pediu ao orçamento nem ao estado. Fizeram-se reuniões; calculou-se o que custaria um edificio immenso, digno da empreza; para construil-o appellou-se a todas as intelligencias, e quando foi mister achar os recursos necessarios, o banco d'Inglaterra abriu os seus cofres, com a condição unica de que se lhe dariam garantias pelos adiantamentos. Logo os nomes mais illustres concorreram e sellaram com a garantia de sua riqueza a grande obra nacional. Mencionam-se lords que offereceram affiançar a empreza por 32 contos, 80 contos, e 160 contos. Um simples particular assignou por 192 contos! Eis o que é a fé, o credito!

Ao mesmo tempo que este testimunho significativo de confiança era dado á opulencia da Inglaterra, os subscriptores aos bilhetes da épocha ajuntavam a sua garantia á dos cidadãos generosos, que acabavam de pôr em pratica, com tamanha resolução, aquelle pensamento grandioso, originario da França, tão esteril para nós, como outros muitos. É hoje quasi certo que a operação produzirá lucros não só para a Inglaterra, mas até para os proprios emprezarios.

Mr. Paxton, o engenhoso auctor do palacio de cristal, caminhava ha poucos dias á frente do cortejo real. O principe Alberto quizera que se prestasse esta honra publica ao architecto, que acabava de crear uma maravilha para recolher tantas maravilhas. Assim, depois de ter levado a feliz termo o projecto da Exposição Universal, a Inglaterra soube honrar dignamente seus auctores. Que coisa mais popular do que a circumstancia de um modesto architecto, simplesmente constructor de estufas de jardins, caminhar á frente da comitiva real da rainha d'Inglaterra, em tão solemne dia!

Nunca será assás louvada a perfeita ordem das distribuições internas da Exposição. As nações estão collocadas segundo a importancia de suas industrias, e distinguem-se quer por uma inscripção de seus nomes, quer pelas suas respectivas bandeiras. O accesso a todos os mostradores é facil, sendo por toda a parte a circulação livre e commoda. Os productos estão expostos por classes, estando em geral reunidas as machinas, os trens de carruagens, os tecidos da mesma especie.

Cada nação obteve a faculdade de organisar á sua moda as vidraças e armarios onde estão os seus productos: do que resulta certa diversidade que não é menos interessante do que os proprios productos, e que representa com originalidade o caracter de todas as nações chamada ao concurso.

A Inglaterra, que dispõe de metade do campo geral da Exposição, tinha de prover os meios de assegurar a circulação, e de fazer os aformoseamentos que deviam tornar o monumento digno do seu destino. Este resultado alcançou-se do modo mais feliz pela distribuição que se fez, em o meio da nave principal, de todas as grandes peças de fundição ou de esculptura enviadas pela Prussia, a França e a Belgica, sobretudo pela primeira. De distancia a distancia muitos repuxos de agua, um delles magnifico de cristal, derramam frescura e animação neste vasto recinto, onde retumbam as vozes de tres orgãos, alçados do modo mais original e pictoresco. Finalmente, algumas arvores seculares, conservadas como uma especie de escala ou petipé por onde se póde aferir a altura do edificio, accrescentam

áquelle todo magestoso e engraçado o attractivo de sua robusta vegetação.

Tal é na sua grandiosa simplicidade o aspecto geral da Exposição. No dia da inauguração contavam-se alli para mais de 25 mil pessoas, e o edificio parecia deserto nas extremidades. O sussurro desses milhares de vozes mal se ouvia, e realmente sumia-se naquelle *baixel aerio*, onde sobre os espectadores pairava uma claridade azulada como o firmamento, de effeito o mais singular e imprevisto. Nada excita a admiração como o borbòrinho de tantas linguagens diversas, e os trajos, em muita parte extravagantes, desses estrangeiros.

Cada povo occupa na Exposição universal um espaço desigual, e cumpre por justiça reconhecer que muitas nações, começando pela nossa, estão alli representadas de um modo mui imperfeito. Evidentemente, os americanos da União do norte não enviaram a este grande concurso senão algumas fazendas de pacotilha, e deveram ceder aos expositores proximos uma parte do espaço que escusavam. Algumas charruas, algumas canôas, algumas ruins cartas geographicas, numero bastante limitado de materias primarias, tal é o fundo actual da exposição americana do norte; e a quem conhece o valor industrial e a energia laboriosa de tão grande povo, é impossivel admittir que o seu poder productor seja representado por tão fracas e diminutas amostras.

A Hespanha só remetteu materias primarias, poucas lãs, poucas sedas, quasi nenhuns tecidos. A Catalunha que é nesse paiz o ultimo refugio dos protecionistas, absteve-se de comparecer. Receia, não sem motivo, ser esmagada pela comparação dos seus detestaveis estofos de algodão, com os de todo o mundo, e ter que dar conta ao povo hispanhol do tributo que delle cobra, quasi sem proveito proprio. Mas a experiencia não será menos decisiva, e por deixarem ir a causa á revelia, os proteccionistas vergonhosos não deixarão de ser condemnados, uns por sua impotencia como em Hispanha, outros por causa da sua superioridade por elles mesmos negada e da sua cubiça, como em França. Não se dá um passo nesta exposição sem que a verdade dê logo na vista.

Observai a cutelaria ingleza de Shefield: que admiravel variedade! que riqueza! que barateza! *What cheapness!* como elles dizem com orgulho e fundamento. E nós temos rasão de dizer tambem: — « Quando os nossos fabricantes tiverem ferro e aço por preços mais rasoaveis, fabricarão do mesmo modo. » — Mas os nossos mestres de forja não o intendem assim. Vêde a arte das carruagens inglezas, tão elegantes, tão ricas, tão variadas! Mas esta arte está prohibida em França, e a França está privada dos meios de comparação ou de imitação, que aproveitariam aos fabricantes. E assim em tudo o mais. Demonstraremos até á ultima evidencia que nada faltará á superioridade da nossa industria desde que, exempta dos tributos que lhe lançam sob apparencia de protecção, fôr exercitada na plenitude de sua liberdade, sem supportar nem impor jugo de casta alguma.

O facto é sobre tudo notavel examinando-se a exposição suissa. Esta nação occupa na Exposição de Londres um logar modesto e restricto: é um paiz de livre permutação, montanhoso e de communicações difficeis, e todavia conquistou jerarquia distincta na industria europea. Faz maravilhar, vêr a elegancia e baratesa de suas fitas de Basilea e de Zurich, de suas caças bordadas, de seus tafetás, e de seus veludos, dignos da eschóla lyonense, donde indubitavelmente tiram sua origem. A Austria, que deixa muito a desejar, pelo que respeita a bom gosto, mesmo nos seus vidros de Bohemia, e nos seus moveis admiravelmente lavrados, posto que desenhados sem arte, merece logar honroso a par do Zollverein e da Prussia, que mostram mais vida e movimento. »

Em 12 de Maio escrevia o mesmo auctor: — « A Exposição completa-se de dia para dia. Os retardatarios vem chegando, as prateleiras e caixilhos enchem-se: todos os productos em breve estarão nos seus logares, e será d'ora avante facil comparal-os, sem receio de esquecimento importante. Os grandes resultados economicos começam a desenhar-se claramente ante os olhos dos homens peritos, e dentro em pouco serão bem patentes a toda a gente. O mais pasmoso é que na realidade a lucta não existe, neste momento, senão entre a França e a Inglaterra, mas dentro em poucos annos se tornará importante com toda a Europa, sobre tudo com o continente alemão, premunido de seus caminhos de ferro, e dos processos artisticos, que diariamente conquista.

Quanto mais se estuda no palacio de cristal, a parte distinada á industria ingleza, tanto mais se conhece que os inglezes não ommittiram coisa alguma para apparecerem com todas as suas vantagens neste memoravel torneio; appresentaram-se em estado completo, armados com todas as peças. Só elles, talvez, entre todos os concorrentes, estão em circumstancias de serem julgados sem appellação, porque fizeram valer todos os seus recursos, sem reserva. Os mais declarados proteccionistas, que mais combateram a idéa da Exposição, uma vez decidida esta, não trataram senão de figurar nella nobremente.

Já temos dicto que os inglezes tomam metade do campo de toda a exposição, e que se collocaram methodicamente n'uma ordem admiravel. Todas as suas maquinas funccionam hoje n'uma serie de corredores onde o vapor chega por baixo do chão para as pôr em movimento. Ou por medida de economia ou para evitar a bulha espantosa de tantas maquinas a trabalhar, cada uma só recebe o vapor por intervallos, todavia mui proximos, de modo que uma parte dos aparelhos descansa em quanto a outra funcciona. Os contramestres dão ao publico a explicação dos processos: alli se fia, tece, borda, se fazem meias, filó, fitas, estofos: é uma verdadeira encyclopedia industrial em acção. O vapor tanto chega ás maquinas da força de vinte cavallos como a pequenos modelos do tamanho de uma meza de jogo. Não passeis desattento por deante desses inumeraveis instrumentos de producção; não ha um só que não appresente algum novo melhoramento, ou algum aperfeiçoamento nas miudezas de sua composição.

Nenhuma nação europea, mesmo as que sobresahem na construcção das maquinas, offerece uma collecção tão brilhante e tão completa como a Inglaterra. Em verdade, os inglezes neste ponto estão no seu terreno natural: as suas prensas hydraulicas, as suas locomotivas, as suas maquinas de vapor adaptadas á navega-

ção, excedem todas as proporções conhecidas. Expozeram *rails* batidos de caminhos de ferro, de 20 metros de comprido e inteiriços; varas de ferro forjado de redouças para maquinas da força de 800 cavallos; isto é, instrumentos gigantes de movimento e de producção: os seus guindastes, bombas d'esgotamento, carros-wagons, modelos de pontes etc. são de um arrojo admiravel. Não é menos para admirar a perfeição de seus instrumentos aratorios, tão variados e tão diversos dos nossos: á falta de outro estudo, bastaria o destes instrumentos para provar quanto a sua agricultura está adiantada e é digna da sua industrie. A sua superioridade manifesta-se de um modo ainda mais saliente em todas as obras de fundição e de cutelaria. O ferro e a fundição, com o carvão de pedra são os elementos da opulencia da nação britannica. Entrae na mais pequena aldêa; em tudo o que nós usamos de madeira; os inglezes empregam fundição ou ferro: as cancellas com que fecham os gados nos campos são miudas grades de ferro. As escadas nas officinas, os encanamentos d'agua, e de gaz, os anteparos das chaminés, os gradamentos dos jardins, as caixas das janellas, os corrimões e as balaustradas de toda a casta, os tectos, as principaes peças de carpinteria, as divisorias, tudo é de ferro nas suas diversas preparações.

O observador illustrado que percorre a exposição nota principalmente a perfeição admiravel das ferramentas daquelle povo desde o machado até a plaina, desde os instrumentos de furar até as limas mais delicadas. As suas obras de serralheria, perfeitamente graduadas, adaptam-se a todos os sitios e assentam bem segundo as diversas bitolas. As facas, as tezouras, as navalhas de barbear, os canivetes, instrumentos indispensaveis no uso da vida, cuja imperfeição nos causa em França diariamente tantos enfados, são alli de uma solidez a toda a prova, e de preço extremamente moderado. A obra grossa de ferreiro, as quinquilherias tambem revelam o preço da materia primaria, e a vantagem do feitio.

A nossa superioridade começa logo que se trata de gosto e de objectos d'arte, e essa superioridade, inteiramente franceza, brilha não só em nossa lucta com os inglezes, mas tambem com todas as outras nações. A forma, a elegancia, a graça, o não sei que, o que dá vida e alma á materia, aroma ás flores, colorido aos objectos, eis o apanagio incontroverso do genio francez. Sob esta relação, affouto-me a dize-lo despido de preoccupação patriotica, a nossa exposição é de offuscar tudo, posto que incompleta. A questão de preço, a questão de trabalho, de economia politica, virá mais tarde e nós a discutiremos com e contra todos; mas a questão de arte e de gosto, essa grande demanda que se podia perder, está ganha sem appellação, pelo testemunho de todos os nossos rivaes.

« Vêde os austriacos, os belgas, os hespanhoes mesmo e os inglezes, no trabalho artistico da madeira, nessa avultada e bella industria, a marcenaria; por certo exposeram elles obras consideraveis, mezas, canapés, poltronas, estantes, mas que carencia de gosto, que talento e habilidade perdidos, por falta de desenho, d'arte, de sentimento do bello!

« Que comparação póde supportar aquella pezada livraria alemãa, aliás desempenhada com desembaraço, á vista da outra marchetada, exposta pelos operarios da associação dos ensambladores francezes! Que traste póde captivar a attenção a par do bofete de Krieger, de outro de Fourdinier, e dos encantadores embutidos coloridos de Kremer!

« O mesmo acontece quanto a obras em bronze e de ourives, posto que falhassem na Exposição MM. Deniers e Thomire, repousando á sombra de seus louros: — não fizeram bem. — MM. Viltoz, Miroy, Barbedienne e outros muitos, que depois citaremos, representaram dignamente aquelle importante ramo de industria. Inglezes, prussianos, saxonios, austriacos, todos se curvam perante as obras dos nossos fundidores de bronzes...

« Em toda a parte achamos essa chamma immortal do genio francez, que para nós é o que são para os inglezes as minas de ferro e de carvão, e de mais a mais um capital inesgotavel. Os fabricantes de Mulhouse apenas appresentaram as suas chitas e outras obras de estamparia, as suas persianas, as suas cassas de lãa e outras, ganharam logo victoria. Ide vêr as mesmas fazendas no districto inglez, no austriaco, belga, saxonio, suisso, ou prussiano; em toda a parte reconhecereis, com os progressos que se tem realisado, a superioridade definitiva dos estofos francezes. E neste caso, a questão de preços não excita duvida; ninguem trabalha melhor e mais barato. Eis por um franco e 50 centimos (200 réis) o metro (4 e meio palmos) tecidos para cortinas de armação, ou antes verdadeiras massas de rosas, de lilazes, de camellias, que fluctuam nos ares, sobre fundos de teia d'algodão; tecidos que Mr. Jean Dolfus ainda acha caros.

« Mr. Dolfus tem rasão: é um franco e habil fabricante que perfeitamente comprehendeu ser a baratesa o grande negocio do tempo presente, e que peleja pelo triumpho dos verdadeiros principios. Que diz elle, o que quer?.. Uma coisa bem simples. — « Pois que somos os primeiros estampadores de estofos, não temos que desejar senão que os fabricantes de *cablicot* (panno branco d'algodão) nos forneçam a materia primaria das nossas chitas pelo mais baixo preço possivel. A nossa vantagem como estampadores só é atenuada pela nossa inferioridade como tecelães: estes vendem por preço alto os pannos porque os fiadeiros são protegidos pelo systema prohibitivo. Supprimamos a prohibição qne é absurda e molesta, e veremos triplicar, e talvez ser maior dez vezes a industria da estamparia. Compraremos o estofo branco por melhor mercado e o revenderemos aformoseado com infinidade de cores. »

« Depois de algumas considerações sobre esta opinião continua Mr. Blanqui.

« Reflectindo-se no que falta a cada nação neste vasto bazar da Exposição universal, é facil vêr que é sobretudo a liberdade o obter mediante o que lhe não falta. Os Estados-Unidos expoem materias primarias variadas em grande numero, e objectos manufacturados pouco abundantes e assas mediocres: o seu interesse é vender-nos essas materias primarias e comprar os nossos productos.

« N'um bosquejo rapido dos factos geraes da Exposição cumpre apontar o interesse que se liga aos paizes, hoje atrazados, e outrora prosperos, do antigo mundo civilisado. Os productos da India e da China

representam ainda o estado da industria tal como lá estava ha dois mil annos, quando a França e a Inglaterra estavam cobertas de mattas bravias.

« Os da Malasia actual podem ser contemporaneos da fundação das pyramides do Egypto. Por tanto a Exposição de Londres não appresenta somente as differentes industrias das nações, mas tambem as dos seculos; e não é um espectaculo destituido de interesse á vista dos despojos de animaes que provieram de todas as partes do mundo, taes como dos tigres de Bengala, dos leões d'Africa, dos ursos da Russia, e dos castores da America, e até pelles de cavallos marinhos perfeitamente curtidas e á prova de bala. »

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXVII.

Martyrio.

(Continuado de pag. 437)

415 Margarida teve poder em si para vencer a repugnancia e o terror, que lhe causavam as loucuras de El-rei: e vendo-o commovido julgou opportuna a occasião para o despersuadir das vinganças que elle resolvêra tirar dos parciaes do Infante.

— A cólera, é verdade, muitas vezes alucina V. M. — accudiu ella: — mas quando V. M. escuta as inspirações de seu coração, bom e generoso, então as resoluções que a cólera lhe fez precipitadamente, tomar são abandonadas, e esquecidas. Não chore, não se mortifique V. M. Ninguem crê nos calumniadores.

— Margarida, se tu soubesses as traições, que me tem feito alguns desses fidalgos, a quem eu tratava como amigos; se soubesses quanto todos me enganam, tinhas, tinhas de certo dó de mim!

— A generosidade, a grandeza d'alma são os meios melhores de que V. M. dispõe para castigar os criminosos. V. M. perdoando, lança o remorso e a vergonha nas almas dos que se atreveram a atraiçoal-o.

— Grandeza d'alma e generosidade, quero-as para os que me amam, e não para os que me trahem. Castigos severos, é o que os malvados merecem: e hão de tel-os, e hão de conhecer, que um rei sabe vingar-se quando o offendem.

D. Affonso tinha outra vez cahido n'um tal accesso de cólera, que a Calcanhares percebeu que eram inuteis todos os esforços para dobrar os impetos desordenados daquella alma, endurecida pelo habito de mandar, e embrutecida pelas ruins paixões; com tudo para cumprir a promessa que fizera ao tio do Castello-Melhor, resolveu levar até ao Calvario a sua pezada cruz.

— Affonso, meu querido rei — acudiu ella, com voz meiga, — não te deixes vencer outra vez pela cólera. Um rei, — eu fallo-te com o coração, não sei dar rasões politicas do que te vou dizer, — um rei, para que os homens lhe perdoem o ser rei, deve usar do seu immenso poder, como Deus, para o bem e para a misericordia, não para o mal, e para a vingança.

— Queres que eu consinta que me escarneçam, queres que consinta que meu irmão me tire a corôa? Margarida, tu destas coisas nada intendes: és boa de mais para perceberes a maldade dos outros. Pois elles não te accusam, a ti Margarida, de me excitares á vingança, de me inspirar idéas sanguinarias! Não dizem que me trahes, que me enganas, que és uma mulher sem coração!

— Deixe V. M. os calumniadores levantarem testemunhos falsos. Deus sabe a verdade de tudo, e é quanto basta. A corôa de V. M. ninguem lha póde tirar, e a graça de Deus póde V. M. perdel-a. Eu sei, ouvi-o quando cheguei á porta da ante-camara, sei que V. M. resolveu mandar matar o Conde da Ericeira D. Luiz, e tambem um pobre fidalgo, criado do Infante...

— É para os ensinar a não serem espiões e traidores!

— Quem sabe se não é falsidade quanto a V. M. disseram desses fidalgos.

— Não, não é falsidade. D. Luiz, que eu tratei como amigo, a quem fiz quanto me pediu, quanto elle desejou, atreveu-se a escrever que estava resolvido a morrer em serviço do infante. E esse criado de meu irmão de quem ouviste fallar, ousou entrar no paço de noite, pela portaria das damas.

— Mas consulte V. M. o conde de Castello-Melhor; elle ha de melhor do que eu saber aconselhal-o. O conde não tem máu coração, é prudente, e talvez...

— Ha de aconselhar-me a fraqueza, a contemporisação; e eu quero usar de energia para aterrar os meus inimigos. Margarida, não me falles mais nesses traidores: falla-me de ti, do teu amor...

— Permitta-me V. M., que lhe eu peça pela vida desses desgraçados.

— Não, não me peças, que é inutil.

— Pelo amor, que V. M. me tinha n'outro tempo...

— E que ainda te tenho, e que te hei de ter em quanto viver! — exclamou El-rei, enlaçando nos braços o corpo gentil da Calcanhares. — Margarida, julgas que eu posso deixar de te amar, esquecer-me de ti? Ai, quem me déra não ser rei, só para viver para ti só.

O amor de D. Affonso causava maior horror a Margarida do que a sua cólera. — Pallida e quasi sem alento, ella deixou caír a cabeça para traz, para fugir aos beijos e ás caricias do seu real amante. Assim, meia suspendida nos braços de El-rei, com os olhos, de que borbulhavam lagrimas, levantados ao céu, os beiços convulsos e brancos, abrindo-se-lhe como para pedir misericordia, os cabellos caídos em immensos anneis, as roupas moldando-se-lhe em curvas graciosas sobre as fórmas bellas e de uma pureza de linhas admiravel, a expressão de angustia que não lhe diminuia, antes lhe dava maior relevo á formosura, tudo fazia com que, naquelle instante, Margarida podesse ser tomada como typo ideal da belleza. Era a poetica dôr da Niobe antiga idealisada pelo influxo suave da arte christã.

— Margarida, Margarida, tu amas-me, amas-me como eu te amo, não é assim? — murmurou o rei, apertando-a ao coração.

Tornando a si, e soltando-se dos braços de D. Affonso, a Calcanhares, que ouviu passos na casa immediata, exclamou:

— Vem gente. Deixe-me. Lembre-se V. M. de que a rainha póde saber...

— Que importa, que me importa a rainha — accudiu Affonso VI. — É a ti que eu amo, e não a ella. Eu não posso, não quero viver nem mais um dia sem ti.

Neste instante chegava Henrique Henriquez á porta da ante camara. Vendo a Calcanhares, recuou alguns passos, como para se retirar, mas esta, sem escutar as palavras apaixonadas de El-rei, abriu a porta secreta por onde entrára, e fugiu precipitadamente.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

UM CAPITULO DA HISTORIA CONTEMPORANEA, OU A ENTRADA DO MARECHAL SOULT NO PORTO EM 1809.

(Continuado de pag. 431).

416 Para formar uma idéa adequada das provisões deste decreto que desligava a populaça de todos os vinculos da obediencia com perda dos invasores, mas com detrimento talvez ainda maior dos nacionaes, bastará saber que, conforme elle, eram réos de pena de morte todos os homens de 15 a 60 annos que não se armassem a favor da nação, bem como todos os que ao inimigo déssem viveres, ou qualquer outro auxilio, e que deviam ser queimadas e arrazadas todas as povoações que não se defendessem, e quantas deixassem de tapar as entradas e ruas com dois, tres e mais travezes; de feição que todos os povos por mais fracos e mesquinhos que fossem, deviam suicidar-se nas pontas das bayonetas dos francezes, e irrita-los com hostilidades de que nenhuma utilidade real nos provinha. Em cambio de cada um dos seus mortos ou prisioneiros, nos davam elles muitas mortes e muitos estragos. Ora, esta multidão mal educada, contendo em seu seio as ultimas fezes da população, e tantas indoles heterogeneas, poderia, quando entregue a si mesma com armas na mão, deixar de commetter mil desatinos, mil barbaridades? ninguem o devia esperar.

É certo que o decreto de 11 de Dezembro auctorisava a nomeação de officiaes, mesmo da primeira linha, que dirigissem os grandes districtos em que as provincias deviam pelos generaes dellas ser retalhadas, e que a esses officiaes como superiores aos capitães-móres, cumpria-lhes inspecionar o estado das companhias, instruil-as, etc.; mas nem um homem só bastava para tanto, nem a imminencia do perigo consentia taes delongas. Por isso fôra melhor aproveitar a divisão por brigadas, e julgamos que alguns generaes espontaneamente a conservaram, porque vimos a sentença de B. Freire fallar do commandante da 11.ª brigada de ordenanças, e não é o unico logar em que a taes brigadas se allude.

As predictas providencias auctorisam-nos a affirmar que a nação ardia a um tempo em dois fogos. De um lado os francezes, do outro o governo de Lisboa, peior do que elles, visto que, inhabilissimo para reger o timão do estado em épocha tão melindrosa, só reccorria a meios mal calculados, inopportunos e impoliticos. Do de-

creto de 11 de dezembro, elle mesmo parece confessar-se arrependido na proclamação de 4 de fevereiro seguinte, tão apta para acalmar a effervescencia popular, como aquelle armamento tumultuoso para frustrar as invasões dos soldados de Napoleão. Mas as leis quando absurdas e iniquas sempre em si incluem o germen da sua inexecução e queda, por consequencia aquelle decreto nunca se executoû na sua parte mais odiosa, as penalidades.

A sina deste detestavel governo, era fazer mal ainda quando só almejava o bem. Assim, querendo derribar esse monstro que a sua falta de genio e vigor deixára enthronisar, excogitou os dois decretos de 20 de março (41) que pela sua immoralidade, e pelo seu excessivo servilismo, bem como pela ignorancia que nelles reina, merecem quantos epithetos ignominiosos encerra o vocabulario. Em ambos se creava um insolito systema de infames e odiosas delações. No começo do primeiro todo o cidadão era auctorisado a delatar as suspeitas que tivesse, e os factos *verbaes e reaes* que soubesse de algum seu conterraneo, fazendo a denuncia em segredo, por palavra ou por escripto, com assignatura ou sem ella, e em todo o caso sem a minima responsabilidade (42). Nos seguintes §§, tão inintelligiveis quão absurdos, prohibia-se arguir de traição e inconfidencia, mesmo conversando entre amigos, assim aos particulares, como a quaesquer auctoridades ecclesiasticas, civis, ou militares. Declaravam-se réos dos ditos crimes os que assim infamassem os outros, e ordenava-se que quem ouvisse os infamadores os denunciasse para serem castigados com as penas decretadas contra os libellos famosos, as assuadas e resistencia á justiça, addicionando os juizes a estas penas outras *ad libitum* conforme as circumstancias. No outro decreto, prostrando-se indignamente ante os inglezes e hispanhoes, egualmente declarava delicto de inconfidencia — todo o escripto, todo o acto em que algum portuguez *por qualquer modo* maculasse o credito dos gabinetes inglez e hispanhol, assim como o dos seus vassallos — mandava *ex-officio* receber denuncias desses crimes, e punia-os como se foram contra a real pessoa, ou contra a segurança. Nenhum governo jámais se aviltou tanto!... Mais valia deixar subsistir a tyrannia do povo com toda a sua hediondez, do que buscar esmagal-a por meios tão sinistros, e deshonrosos, proficuos só para a perpetuar de cem maneiras.

Já notámos as fataes consequencias da inercia e insensatez do governo: reservamos para outra occasião mostrar que esse governo, terrivel só para os compatriotas, em vez de dizer como David — Senhor, eu pequei: tende misericordia de mim — augmentava a sua fealdade, querendo-a disfarçar por um modo digno delle, acoimando de traições acontecimentos aliás bem naturaes, mui legitimos filhos da sua incapacidade. A fealdade ainda subirá de ponto quando se vir que sob aquelle pretexto de traição, bastantes cidadãos povoaram as masmorras antes de irem definhar-se no exilio, sem jámais lhes ser licito justificar a sua innocencia.

Diversos escriptores estrangeiros tem com razão censurado os erros e crimes que nesta épocha de triste recordação perpetraram os povos de Portugal. Porém as censuras quando descomedidas, degeneram em injurias: ora, como é moda por todo o mundo fallar sempre desfavoravelmente de Portugal, a esse respeito já o paiz tem recebido mais ultrajes do que censuras. Por vezes temos lido que os portuguezes durante a guerra peninsular se mostraram selvagens; (43) aproveitando pois o ensejo, como podermos aqui traçaremos duas linhas para desaggravo da terra em que nascemos.

A populaça portugueza assemelha-se á de todas as nações vivas ou mortas. A do mais esclarecido estado da Gregia, mui de sangue frio, juridicamente assassinava os seus Meltiades e Socrates, desterrando com igual insensibilidade o seu famoso Themistocles, e outros illustres varões. A de Roma premeava do mesmo modo a Coriolano, Camillo e Cicero. Em 1780, para não irmos mais longe, a estupida e fanatica plebe de Londres, açulada pelo perverso lord Gordon, roubou, assassinou, soltou os criminosos, incendiou Newgate e outras cadêas, assim como

(41) Na collecção de Delgado.

(42) ..... Mihi frigidus horror
Membra quatit, gelidusque coit formidine sanguis.

(43) Tambem o sr. Thiers na Hist. do C. e do I. a cada instante assim trata os filhos das Hispanhas. Eis uma amostra — Não eram os recrutas, valentes sem duvida, mas cuja figura não infundia respeito, que haviam de conservar a Peninsula tranquilla: carecia-se para isso de veteranos capazes de inspirar terror pelo numero, e pela catadura, e que, apoderando-se de toda ella a um tempo, impedissem as explosões do sentimento publico, contivessem a populaça semi-selvagem das Hispanhas, etc. etc.: Thiers liv. 29.

avultado numero de casas, e poz a capital da Grã-Bretanha no risco de perecer como Carthago. No anno de 1829, nos bairros de Londres, em Spithfield, Maulesfield, Conventry, em todo o Yorkhsire, e n'outras localidades, a populaça destruiu enorme somma de teares e machinas. Em 1831, por occasião do *bill* da reforma, a mesma populaça queimou ao duque de Newcastle o seu castello de Nottingham, e diversos outros torys viram egualmente as suas moradas incendiadas. O banco de Bristol foi assaltado e roubado com algumas casas mais. As vidraças do marquez de Bristol voaram pelos ares, e as de lord Wellington duas vezes experimentaram a mesma sorte, não sendo este o unico, nem o peior insulto, que nessa épocha soffrêra o heroe da guerra Peninsular, o heroe de Waterloo, e primeiro subdito da monarchia britannica. Neste anno foi numerosa a lista das pessoas contra as quaes se perpetraram escandalos, que os bretões não cessariam de lançar em rosto ás outras nações. Emfim, ainda no anno de 1842 os operarios das fabricas, amotinando-se, commetteram bastantes violencias, e causaram ao seu paiz serios cuidados. E supposto a baixa dos salarios, ou a fome, fossem as causas de similhante arrojo, este não foi por isso menos funesto e insensato. O aggravamento das publicas miserias era o resultado infallivel de taes desordens.

Quanto aos francezes, bem frescas ainda estão na memoria de todos as pavorosas scenas de 1790 a 1795. Nesse curto espaço, a sua plebe, e nem só ella, em fereza, immoralidade, e em todos os crimes, escureceu quanto de mais barbaro se lia nos annaes da perversidade. Marat, Danton, Robspierre, Fouquier-Tinville, Collot de Herbois, são nomes, entre os de muitos outros scelerados, que a posteridade sempre ha de pronunciar com horror. E povos que assim procedem, que assim se deshonram, apezar da sua decantada civilisação, tem direito de chamar aos outros semi-selvagens?

Desviemos porém os olhos destes hediondos quadros, e retomemos o fio da nossa narração, da qual mais do que convinha já nos afastámos.

Vendo B. Freire a inutilidade da sua presença em Braga, no mesmo dia 17 sahiu pela estrada do Porto, resolvido a disputar aos francezes o terreno palmo a palmo em quanto podesse. Nisso cumpriria o seu dever de capitão, iria enfraquecendo o inimigo, e dando azo á retirada das munições e de outros objectos. Todavia, a populaça de Vimieiro ousou deter o general no logar da Carapôa, e a não ser Antonio Berardo da Silva, commandante de uma brigada (44), o qual, obedecendo ás ordens do mesmo general, chegava para conduzir esta gente contra os invasores, logo ahi o sacrificariam.

Apenas salvo deste perigoso encontro, partiu B. Freire acompanhado só de 20 homens da gente de Berardo, porém a sua ruim estrella o levou aonde se achavam as ordenanças da Tabosa, que, possuidas de furia satanica, o prenderam e conduziram a Braga. Chegadas aqui, arrastaram a sua victima até dentro do Aljube, porém almejando concluir o sacrificio, arrojaram-na logo pelas escadas, e ás chuçadas acabaram de matal-a.

Assim, o infeliz general que sempre acudíra á patria nas horas da agonia, que fôra o primeiro a desembainhar a espada contra os francezes, que ainda ha dias nobremente a Soult tolhera a passagem do Minho, eil-o agora vilipendiado, arrastado e morto, como se fôra um infame malfeitor. Mas não nos maravilhemos. A historia antiga e moderna provam-nos que o mundo sempre assim foi.

O sangue de B. Freire não apasiguou a sequiosa raiva das turbas. O que é uma victima nas aras da anarchia? Quando este demonio bebe sangue, bebe-o em torrentes: consequentemente para lhe fartar os appetites foram no mesmo dia, e n'outros, immolados em Braga, Santo Thirso etc., o quartel mestre general Custodio Gomes Villas-Boas, os officiaes do estado maior D. João Correia de Sá e Manuel Ferreira Sarmento, Antonio Sarmento Pimentel, Pedro da Cunha Sotto-Maior, Antonio José de Macedo e Cunha, o corregedor de Braga, Bernardo José de Passos, e outros. Além disso 14 pessoas notaveis eram na mesma occasião perseguidas, presas, e insultadas pelo supposto crime de jacobinismo. Na mesma cidade do Porto em 20 de Março, e nos subsequentes dias, sem fallar em diversas prisões injustas e arbitrarias, e nos mais excessos, foi o brigadeiro Luiz de Oliveira arrancado da prisão em que jazia desde Junho, e logo morto. Pereceram egualmente neste abominavel dia o dezembargador Antonio Luiz de Sousa Leal, o tenente coronel João da Cunha Araujo Porto-Carrero, e mais alguns cidadãos entre os mui-

(44) Pensamos que esta brigada tambem era de ordenanças, e que a estas pertenciam os 20 homens de Berardo que acompanharam o general.

tos que se viram em perigo, entrando neste numero o chanceller governador das justiças, a quem levaram pelas ruas, e matariam, se um piquete da policia o não salvára.

Estas nefandas atrocidades eram perpetradas á face do bispo, sem que elle para refrear a populaça, fizesse grande uso da muita influencia que os seus eminentes cargos forçosamente lhe davam. A carta regia de 3 de Julho logo enviou uma alçada para no Porto, e em Braga devassar de tantas maldades, e punil-as; se porém nos não enganamos, dessa asquerosa medida, tão grata ao paladar dos governos absolutos, não resultára, salvo a perda dos pingues ordenados, devorados pelos commissarios nomeados.

Morto B. Freire, parece que o commando geral das tropas proximas a Braga, na ausencia do general Botelho, coube ao Barão d'Eben, o que sem duvida foi grande fortuna (45).

Na tarde do mesmo dia do martyrio de B. Freire apresentou-se o inimigo ante Carvalho d'Este, e a ponte de Nossa Senhora do Porto no rio Cavado, e se derão até 19 varios combates, que, supposto pouco dignos de memoria, não deshonraram os portuguezes bem que vencidos a final. Alguns milhares de francezes que no primeiro destes dois dias mais se avançaram, vendo-se sem a sua artilheria que se lhes atrazara, tiverão de retirar um pouco com alguma perda.

Na manhã de 18 renovou-se o ataque nos Carvalhos, porém o inimigo tornou a ser repellido, deixando entre os mortos o general Corvoisieu (46). De tarde foi o Barão d'Eben segunda vez atacado, não em um só ponto, senão em toda a sua frente, e novamente o inimigo teve de retrocecer. Neste dia faltaram-nos as munições, mas tanto a tropa como as ordenanças foram municiadas de noite.

A 19 de madrugada as nossas avançadas sustentaram um ligeiro ataque, porém ás quatro da tarde uma força maior, protegida já pela artilharia, conseguiu tomar o posto da Patrulha; com tudo os granadeiros de Vianna, e a porção da Legião Luzitana que alli se achava, não lhe consentiram naquella noite passar avante.

O Barão d'Eben louvou muito o comportamento que estas tropas, assim como o destacamento das milicias de Braga, tiveram nos diversos ataques destes dias. Quanto ás ordenanças, diz que ellas se portaram perfeitamente bem; e assim lhes cumpria para lavarem, se lhes era possivel, a ignominia de que o seu anterior procedimento as havia coberto. Felizmente o Barão não mentiu quando deu aquelles louvores, como as consequencias dos taes ataques o vão já mostrar, e Norvins reconhece nas seguintes expressões do cap. 30 da Hist. de Nap. — No outro dia (depois da tomada de Chaves) os portuguezes, apezar de uma *longa rezistencia*, succumbem no combate de Lanhoso.

Não obstante os esforços do Barão, a 20 de manhã o inimigo rompeo em tres columnas pelas estradas de Guimarãos e Carvalho d'Este (esta era a columna maior), assim como pela ponte de Nossa Senhora do Porto. Bem que os nossos meios fossem em demazia escassos para conter estas columnas, ainda se quiz resistir, com tudo; uma peça de 12, rebentando-nos por acaso, ferio e matou muita gente, e depois faltaram munições para as ordenanças e artilharia. Estes acontecimentos apressaram a retirada, que sempre seria infallivel, e ás 10 horas o inimigo occupava Braga.

Em quanto estas coisas se passavão, lá para a Povoa de Lanhoso o capitão inglez Wanarenchil, apresentando-se ante um corpo de 4,000 a 5,000 francezes com as ordenanças de Penafiel, Amarante e Guimarães, com ellas lhes fez algumas foscas, ou mais alguma coisa, se a longa resistencia de que falla Norvins se dever intender só relativa ao conflicto de Lanhoso, e que nos parece improvavel (47).

A crerem-se os calculos do Barão a nossa perda nos combates destes ultimos dias seria de 1,000 homens, e a dos contrarios de 2,000 a 3,000,

(45) Que o commando se devolveo ao Barão de Eben colhe-se da Ord. do dia de 30 de Março de 1809, em parte escripta á vista das participações officiaes do mesmo Barão. D'aqui em diante minguão-nos quasi todos os recursos indispensaveis para o proseguimento desta narração. Do Sr. Thiers só vimos até o liv. 33, e quanto a Foy, a morte o arrebatou antes de passar da convenção de Cintra. Nem se quer podemos alcançar a esteril *Gazeta de Lisboa* do anno de 1809, aonde por ventura topariamos algumas pardas noticias de problematica sinceridade. Consequentemente as ordens do dia de 30 de Março e 2 de Abril de 1809, com a de 7 de Março de 1810, serão quasi a nossa unica bussola na continuação deste escripto. Mas estas mesmas peças pouco nos soccorrem. Como o fim do marechal não era historiar, as suas ordens do dia são mui parcas em noticias, mas aquellas que dão, em geral temol-as por bem mais veridicas, do que as divulgadas por aquelle thuribulo do absolutismo.

(46) Ord. do dia 30 de Março de 1809.

(45) Vide a citada Ordem do Dia de 30 de Março.

porém a inexactidão destes calculos salta aos olhos. Disfarçando um pouco a nossa perda, e exagerando a dos outros, quiz-se certamente enthusiasmar a guerrilhagem, que supposto fizera muito mal, e muito menos bem do que podia, ás vezes, apesar do seu pessimo e irregular armamento, muito fatigava os soldados de Napoleão. Derramada por montes e valles, facilmente capturava os fatigados ou desgarrados, e ai delles!.. As balas deste inimigo, as mais das vezes agachado atraz de um penedo, ou de uma arvore, e por tanto invisivel, tambem não raro penetravam até o centro dos batalhões; mas não eram estes os peiores damnos para os invasores. Tomar-lhes os combois, subtrahir-lhes os viveres, cortar-lhes as communicações e apanhar-lhas, eram inconvenientes bem mais para temer, porque punham em risco a segurança de todo um exercito, e senão que o diga esse que Massena conduziu a Torres Vedras. Era tambem por isso que os francezes abominavam as ordenanças, e as não poupavam quando as topavão. Ora, como ellas nas cercanias de Braga eram então numerosas, e ousaram atacar e perseguir a gente de Soult, é mui para crer que bem cara pagassem a ousadia. Aconselha pois o bom senso que calculemos a nossa perda al-de-menos em mais um terço da que lhe dá o Barão, isto é, de 1,300 a 1,400 homens. Como porém os generaes costumam minorar as suas perdas, e engrandecer as alheias, devemos presumir que o inimigo soffreu muito menos. E as expressões na ordem do dia attribuidas ao Barão justificão a nossa desconfiança.

Asseverára elle a Beresford que a sua força armada com espingardas não excedia a 6:000 homens, incluindo as guerrilhas. Como então podia Soult perder tão avultado numero de soldados?

Tomada Braga, os francezes marcharam sobre o Porto sem nenhuma difficuldade. Assim mesmo elles caminharam lentamente, e com taes precauções que unicamente a 26 avistaram a princeza do Douro. (48) Os desbaratados restos da pequena força do barão haviam-se sumido pelo interior, ou dirigido ao Porto, aonde pararam.

Durante os dias 27 e 28 houve da parte do inimigo alguns ataques fortes que foram bem repellidos, posto que o fim delles talvez não era, senão reconhecer as posições para uma tentativa mais séria. No ultimo daquelles dias, Foy, que agora voltava commandando uma brigada, em attenção á vigorosa eloquencia com que sabia dominar os espiritos, recebeu a missão de ir mover a cidade a capitular sem effusão de sangue. Quando porém este official parlamenteava com os chefes portuguezes, essa insensata populaça já celebre por tantos delictos, e que tanto ignorava, ou menosprezava o direito das gentes, como as leis da honra, arrancou-o d'entre os da conferencia, ultrajou-o, rasgou-lhe as vestes, e percorreu com elle as ruas, mas felizmente, sem passar a maiores excessos, quasi nú o lançou n'uma prisão, de donde em poucas horas o tiraram os seus compatriotas. (49)

A 29 estes, penetrando quazi sem obstaculo, e por tanto com pouca perda, pelo Monte-Pedral e Bom-Fim, se apossaram da cidade, que Soult, irritado pelos insultos feitos ao seu enviado, poz a saque por dois ou tres dias.

Alguns escriptores francezes, mais anciosos de compor os panegyricos dos seus generaes, do que de escrever a historia, narram esta conquista de Soult com pompa assaz mal cabida, e em demasia ridicula.

A Biog. Un. dos Contemp., já citada, no art. Soult incensa o seu heroe por este modo.:

« Havendo o duque da Dalmacia recebido or-
« dem de invadir Portugal pelo norte, atraves-
« sou o Minho a 4 de Março, destruiu tudo quanto
« se oppoz á sua marcha especialmente nos des-
« filadeiros de Vizeu, (50) tomou Chaves a 12, e
« atirou com os anglo-portuguezes para o Porto,
« cujos formidaveis intrincheiramentos a 29 to-
« mou por assalto.

A Encyclopedia — Des Gens de Monde — no mesmo art., narrando esta expedição de 1809, escreve:

« Soult entrou em Portugal, e ao pé de Bra-
« ga dispersou 25:000 portuguezes, os quaes

(48) Na ord. do dia de 2 de Abril leem-se estas expressões. — O marechal dá parte ao exercito, que o inimigo tendo-se apoderado de Braga, avançou com cautela e de vagar contra a cidade do Porto, encontrando pelo caminho pouca resistencia, pois a insobordinação do povo tornou inutil o seu proprio valor, e os esforços dos seus officiaes para retardar ou impedir a sua aproximação.

(49) Os successos relativos á missão de Foy os sabemos por informações particulares, e rapidamente os contam assim a Encyclop. Des Gens de Monde, como a Biogr. de S. Preuve no art. Foy.

(50) Este biographo conhecia mal a topographia de Portugal. Elle põe Vizeu, on os seus desfiladeiros, ao norte de Chaves, quando aquella cidade demora-lhe mais de 20 legoas ao sul.

« haviam repellido a paz que lhes offerecera, (51) « tomou depois o campo do Porto defendido por « 200 peças etc. etc.

Guthrie na Geog. Un. ed 11.ª (Pariz 1829), tom. 2.º pag. 1200 art. — Oporto — conta-nos assim a entrada do duque da Dalmacia na segunda capital do reino.

« Em 1809 Soult apoderou-se do Porto, de« pois de uma *sanguinolenta batalha*. Este guer« reiro, á frente de 20,000 homens, atacou a « cidade, que era defendida por 60 baterias, e « pela população armada, a qual não appresen« tava menos de *oitenta mil combatentes*. Com « tudo uma horrivel desgraça nos enlutou a vi« ctoria. Os portuguezes derrotados, depois de « uma *pertinaz* resistencia, e os cidadãos ater« rados, que pelas ruas adjacentes á ponte do « Douro fugiam diante dos seus defensores, já « perseguidos pelos francezes, amontoaram-se « em tão grande copia sobre a mesma ponte, « que esta quebrando submergiu, tanto a gente « que a atulhava, como a muita que vinha che« gando, porque esta não podendo retroceder, e « sendo sempre impellida por detraz, continuou « a precipitar-se confusamente, restabelecendo « a passagem, de feição que os ultimos fugiti« vos, e as tropas de todas as armas, incluindo « a de artilheria, poderam atravessar o rio, so« bre uma nova ponte que se formára de corpos « humanos, muitos dos quaes ainda respiravam, « e eram do lado opposto metralhados por algu« mas peças, servidas por um batalhão inglez, « que pertendia disputar a margem esquer« da (52). »

(51) A Encyclop. allude certamente aos combates de 17 até 20 nas proximidades de Braga, mas os nossos leitores já poderão avaliar a verdade do que se diz relativamente aos 25:000 homens. Ainda incluindo neste numero as guerrilhas de chuço e de roçadoira, talvez o duque da Dalmacia não achasse ahi 25:000 portuguezes. Todavia a longa resistencia, e a grande perda dos que lá se acharam, bem podiam a Napoleão, e aos seus delegados, fazer conhecer o espirito da população, e o que deviam esperar quando o paiz estivesse militarmente organisado, o que mais dia menos dia sempre aconteceria.

(52) O escriptor exagerou as forças de Soult, para tornar mais plausiveis as dá aos contrarios. Do restabelecimento da passagem para as tropas, sobre uma ponte de cadaveres, temos ouvido fallar a diversos compatriotas, que se diziam testemunhas occulares, ou bem informados Como porém o Douro alli é rapido e profundo, nós, desconfiando do criterio daquelles informadores, presistimos em duvidar desta ponte de carne. Agora a respeito dos inglezes metralhando os muribundos empilhados no rio, ou boiando nelle, não passa isso de um ridiculo conto. Alguma mentira de adrede espalhada, e de leve acreditada, ou a sêde que o articulista tinha aos inglezes, lhe fizeram vêr este imaginario batalhão.

E Norvins na Hist., ou Panegyrico de Nap. cap. 30, historía o caso por esta fórma:

« A segunda expedição que contra um reino « sem rei commanda o duque da Dalmacia, co« meça pela tomada de Chaves, aonde estava um « *rico material* de artilheria (53). No outro dia « os portuguezes, apezar de uma longa resisten« cia succumbiram no ataque de Lanhoso. Em « fim, a 29 teve logar a *grande batalha* que o « bispo do Porto deu ao marechal *sob os muros* « da cidade. Duas linhas recentemente construi« das, e defendidas por 200 peças, são toma« das pelos francezes, e *vinte mil* portuguezes « cobrem o *campo da batalha*.

Em verdade, nunca em tão poucas palavras se escreveram tantas sandices e patranhas.

A respeito da parte ingleza do exercito que estava em Braga, e fôra por Soult arrojada para o Porto conjunctamente com os portuguezes, a Biogr. Un. de S. Preuve logo parece contradizer-se quando mais abaixo accrescenta, que Soult não passára o Douro em rasão da marcha menos feliz do segundo exercito invasor commandado pelo marechal Victor (este devia chegar pela Beira-Baixo ou pelo Alemtéjo), cuja juncção com o seu seria difficil por causa das distancias; em rasão de já se lhe oppôrem mais de 30,000 soldados regulares, aos quaes se *iam reunir* 16,000 auxiliares commandados pelo melhor dos generaes britannicos. Mas logo veremos em que consistiram a *grande batalha*, e o assalto do Porto; que tropas guarneciam as fortificações; que os 20,000 mortos no *campo da batalha*, quasi exclusivamente se converteram em muitos milhares de homens e mulheres de todas as idades desastrosamente sepultados nas ondas do rio; e que quanto a inglezes, no começo desta invasão apenas uns poucos officiaes, quasi todos sem commando, se achavam no Porto, sendo ainda mais raros em Braga.

O brigadeiro Parreiras, era como vimos, o legitimo governador do Porto, mas as forças de que elle dispunha não as conhecemos circumstanciadamente. B. Freire poucas (talvez nenhumas)

(53) Fallando da tomada de Chaves em a 5.ª nota (no fim) observamos que havia nesta praça plena falta de munições. Com tudo Norvins menciona um rico material de artilheria achado ahi pelos francezes. Este homem de quando em quando poetisava.

da primeira linha, ou mesmo da segunda lhe podia deixar, visto que na raia, aonde cumpria esperar o inimigo, todas lhe eram indispensaveis: com tudo a 29 já podiam achar-se ás suas ordens os destroçados restos do barão d'Eben (54), e a pequenissima columna do brigadeiro Victoria. Consequentemente a guarnição da cidade devia compor-se destas tropas, d'alguns regimentos de milicias que B. Freire ahi deixaria, das cinco brigadas de ordenanças mandadas desde Janeiro organisar no Porto e arrabaldes (55), e do immenso paisanismo que de toda a parte ahi affluira, e ahi ajudára a consumar tantos e tão feios attentados. Era destes pessimos elementos, em que muito predominava o ultimo, que se compunham os 24,000 homens, que segundo Beresford na ordem do dia de 2 d'abril, defendiam a cidade.

Nem se imagine que o marechal diminuisse a força portugueza para rebaixar a victoria dos contrarios. Como o seu fim era fazer o parallelo entre os aggressores e os aggredidos, isto é, entre a ordem, a disciplina, o valor, e os seus vicios contrarios, se mentisse seria unicamente exaggerando os nossos recursos. — A grande cidade do Porto, dizia elle ao exercito na predita ordem do dia, defendida por 24:000 homens com trincheiras e redutos em que se achavam perto de 200 peças de artilheria, succumbiu a um inimigo de pouco mais de metade do numero da guarnição. — O general ponderava que similhante infortunio procedia da insubordinação, desconfiança e desunião que frustraram todas as tentativas dos officiaes portuguezes e inglezes para dirigir as operações, e pedia ao povo e ao exercito que tendo sempre em memoria esta desventura, fossem unidos e obedientes, abstendo-se de escutar esses homens que, pagos pelo inimigo, entre elles semeavam a cisania. (56) Provado fica portanto que se Beresford carecêra de enegrecer o quadro que pintava, nesta occasião fal-o-ia em desfavor dos portuguezes.

JOÃO ANTONIO DE CARVALHO E OLIVEIRA

(Continúa.)

(54) As tropas dos generaes Botelho e Silveira não entraram no Porto. O primeiro deixou-se ficar nos confins do Minho; o outro em Traz-os-Montes. Um dos resultados da desordem, e do mau governo, era fazer cada um o que queria, era este desconcerto, e esta independencia dos generaes. As ordens de Lisboa, ainda sendo convenientes, o que é mui duvidoso, quando é que haviam de ser conhecidas nas raias do Minho e de Traz-os-Montes?

(55) O Indice Chronologico de J. P. Ribeiro tom. 5.º, sob a data de 11 de Janeiro de 1809, cita o plano para a organisação destas cinco brigadas, mas elle não vem em Delgado.

(56) Talvez Beresford naquellas expressões da ordem do dia não dizia o seu pensar. Pertenderia elle predispor o povo e o exercito contra os fautores da anarchia, e punil-os com os mesmos males que causavam? Esta idéa propagada já nos decretos de 20 de Março, seria elle quem a inspirou aos governadores? São pontos estes, cuja solução não é mui facil, nem mui importante. Nós cremos, todavia, que nunca houve taes compras e vendas, e que nesta occasião todos os nossos desastres emanaram dos desatinos do governo, e das paixões populares, além de mal dirigidas, ainda atiçadas ora por homens sinceros, mas nimiamente exaggerados ou ignorantes, cujo numero sempre avulta; ora por homens de indole ruim e pervertida que especulavam com as publicas desgraças, ou dellas zombavam, sem os francezes carecerem de pagar a ninguem. O enlevo das altas classes por Napoleão, e pelos seus soldados já estava esvaecido succedendo-lhe o arrependimento.

NOTICIAS E COMMERCIO.

AEROLITHOS.

417 No corrente mez de Maio cahiram da atmosphera, em França e Portugal, duas dessas pedras designadas pelo nome de *aerolithos*; phenomeno, que alguns sabios reputaram impossivel, apezar das provas da sua existencia.

No principio deste mez o campanario da egreja de Largnac (departamento do Lot) foi derribado pela queda de um aerolitho, que brilhava aos raios do sol. A Academia das Sciencias informada deste raro caso, deputou tres commissarios para examinarem a natureza da massa do aerolitho. O primeiro exame parecia (diz um jornal de Paris) mostrar que a materia do diamante dominava na rocha matriz, em parte schistosa e amoniacal daquelle corpo celeste.

O Sr. doutor Manuel Joaquim Pimenta, proprietario de Abrantes, escreveu em 9 deste mez ao jornal *A Revolução* noticiando a queda de um aerolitho no dia precedente em um seu casal denominado do Laparo, junto áquella villa. Eis o que refere:

« Pelas 11 horas e meia da noite viu o meu caseiro um corpo rubro-vermelho percorrer o espaço e caír a alguma distancia delle; e como é animoso foi ao sitio aonde elle caíra e só viu uma grande pedra, mas não se persuadiu que fosse ella o que tanto o assustou; porém no dia seguinte vindo a contar-me o que passara, fui ao dito sitio, e reconheci logo um enorme aerolithos, que parecendo todo de espuma de ferro, tem de um lado engastada uma pedra que poderá ter 4 palmos de superficie em quadro, a qual junta com o todo do aerolithos forma um volume de mais de um metro cubico. Até aqui o phenomeno é natural, porém o que me causou grande surpresa foi encontrar

vestigios de producções marinhas, como um busio que conservo em minha casa, para obter o qual me foi preciso quebrar uma porção da dita pedra, parece pertencer a uma especie já extincta. As considerações que logo me assaltaram foram que está desmentido que a lua não tenha tido atmosphera, e tambem liquidos, e por tanto que não podia ser habitada.

O *Journal de Toulouse* publicou a seguinte nota que lhe foi communicada por M. Petit director do observatorio daquella cidade. —

— « A terra atravessa neste momento uma região do espaço, cortado por grande quantidade de corpusculos planetarios collocados em grande parte, entre o nosso globo e sol. É uma das causas principaes de ter baixado a temperatura, o que segundo todas as aparencias se conservará até 12 ou 15 de Maio, em cuja época a terra poderá desembaraçar-se da influencia da nebulosidade meteorica que hoje nos cerca. É provavel que a passagem do nosso globo atravez de uma verdadeira nuvem de asteroides seja marcada pela cabida de algumas pedras.

Não se conhece explicação satisfatoria deste phenomeno. Cahirão estas pedras da lua ou dos outros planetas?... Formar-se-hão na atmosphera?... Dois astronomos insignes, MM. de la Place e Biot, suppõem que cahem da lua, e que são expellidas por alguns volcões deste satellite da terra. Em sua opinião, bastaria ser arrojada da superficie da lua uma pedra por uma força duplicada da que uma peça de grosso calibre imprime á bala, para que a mesma pedra sahisse da força d'attração daquelle satellite, entrasse na do nosso planeta e cahisse na superficie da terra.

Outras hypotheses se tem emittido e nenhuma dellas merece por ora preferencia.

ANTIGUALHA.

418 Consta por cartas de Cracovia de 25 de Abril ultimo, que recentemente foi extrahida do rio Abruez, quasi onde desemboca o ribeiro de Guiza, abaixo da povoação de Linzkowia, uma estatua de pedra de 7 varas de altura do idolo dos antigos slavos, denominado Spiatwitz, o qual tem quatro caras correspondentes aos quatro ventos cardeaes; de ambos os quatro lados tem ornatos esculpidos. Calcula-se ter jazido a estatua no rio perto de mil annos: achou-se dentro da demarcação das fazendas do conde Mieczyslaw Potocki, que fez presente della ao museu da Universidade de Cracovia.

NOVO VOLCÃO.

419 Viajantes chegados do porto de Makri na ilha de Rhodes, donde partiram no meado de Abril, referem que se formára um volcão entre Simbomes e Lewis. mas que não vomita chammas, só expelle uma fumaça espessa e esbranquiçada, que se avista de muito longe quando faz bom tempo. Os tremores de terra continuavam, e na ilha de Rhodes sentiam-se quotidianamente ligeiros abalos.

MEMORIAS DE UM HOMEM DE JUIZO.

(Continuado de pag. 444.)

Disciplina militar.

DO CORPO DA GUARDA EM SERVIÇO.

420 Quem será aquelle que pretenda comparar-se em direitos com o homem que monta uma guarda, e se responsabilisa por ella sob penas do regulamento e ordenança militar? Quem será aquelle que pretenda comparar-se em direitos com o sentinella no seu posto, e com o inimigo á vista (que até o soldado carece instrucção) a fim de que não brade ou deixe de bradar, e não faça perder por um ou outro procedimento incompetente?

O commandante de uma guarda não deve ser reprehendido em quanto está de serviço, porque dessa reprehensão póde provir a quebra de respeito dos seus subordinados e a falta no serviço; esse mesmo menos preço póde occasionar algum acto indecoroso de que se sigam outros exemplos.

Se o official da ronda encontrou alguma falta na guarda póde notal-a, porque ella mesma se faz notavel, e o bem da disciplina o exige; mas de modo algum póde, e nem deve reprehender, levantar a voz: esse proceder pertence ao commando e á sentinella.

O militar é obrigado a fazer o serviço, se intender que este lhe não competia só se póde queixar depois de o haver feito. Assim, fica demonstrado, que só depois de rendida a guarda, o commandante ou alguma das praças, poderão ser castigados por falta qualquer que seja.

Conclusão. O serviço requer-se de casaca e não de farda, por não estar completo; de farda sempre falta a completar.

O serviço militar gera o direito das gentes. Na ordem geral em constituição, direito egual para todos, não póde haver emprego que não haja a sua origem na carreira publica, em armas, que não tenha sido amamentado pela nutrição militar. Dolorosa carreira: Sejam para todos. Vantajosa? Sejam egual para todos. Inexplicavel.

É incontestavel, que a ignorancia é a mãe dos erros, e que estes são tanto mais prejudiciaes, quanto maior é o numero daquelles a quem dizem respeito, ou podem offender. O militar deve ser honesto e instruido.

Tudo quanto fica demonstrado a respeito dos militares exige uma retribuição; um pagamento em moeda egual por todas as auctoridades civís e ecclesiasticas. Destas originaria: sim, do altar deve partir a mão com o thuribulo a bem dizer com o pae celestial a obra da redempção do seu throno sobre a terra; da salvação de seu povo escolhido, que vive no seu gremio. Do altar deve partir o são conselho; a graça para que se viva em graça; para evitar os crimes, a rebeldia; aquella a que se viram levados servos de Deus os filhos que foram sacrificar tudo em defeza da patria. Estes martyres mutilados, cicatrisados, mortificados pelas perdas de tantos dos martyres da patria, encontraram mudos como as muralhas, as auctoridades, o altar; e a divindade com estes ultrajada, vilipendiada em o anno de 1820. *(Continúa.)*